

A sacramentalidade da assembleia litúrgica a partir do missal de Paulo VI

Rodrigo José Arnoso Santos ¹

Resumo: Em 1970 a Igreja recebeu a publicação do novo Missal Romano, elaborado à luz dos ensinamentos da *Sacrosanctum Concilium*, constituição dogmática que tratou da vida litúrgica da comunidade eclesial, como uma proposta inovadora para a realização de ações litúrgicas, capazes de suscitar uma participação ativa, consciente e plena de todos os membros da comunidade cristã. Entre os muitos elementos da Teologia Litúrgica que encontramos neste livro, elaborado, sobretudo para a celebração da Eucaristia merece a nossa atenção o tema da sacramentalidade da assembleia litúrgica. Por isso, o que nos propomos, a partir do estudo de alguns textos eucológicos e partes do *ordo missae* é apresentar a assembleia como *locus* da manifestação do Cristo Ressuscitado ao mundo. Este estudo nos ajudará a entender a importância da assembleia litúrgica como espaço propício de formação para o autêntico discipulado de Cristo, a compreender a liturgia comunitária como fonte de espiritualidade cristã e a conceber a assembleia celebrante como expressão do Corpo Místico do Senhor.

Palavras-chave: Celebração. Assembleia. Sacramentalidade. Povo de Deus. Corpo Místico.

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II significou para a Igreja uma nova primavera, tempo oportuno da acolhida da passagem do Espírito Santo pela vida da comunidade eclesial. Tal passagem engendrou um importante momento de renovação teológica, pastoral e litúrgica. No campo da liturgia o surgimento dos novos livros litúrgicos, fez aparecer o valioso desejo dos padres conciliares dar a vida litúrgica da Igreja um novo impulso. Entre os inúmeros elementos da Ciência Litúrgica que recebeu atenção neste tempo e ainda continua a ser objeto de estudo é a sacramentalidade da assembleia litúrgica. Isto se dá pois,

um aspecto, sobretudo, caracteriza em modo inconfundível a intervenção do recente Concílio: a reforma da liturgia se coloca ao interno de uma renovação geral da prática eclesial, desejada de uma Igreja que decide simultaneamente de redescobrir a própria natureza do “mistério” e de viver a “missão” confiada por Cristo com uma grande atenção “aos sinais dos tempos” (BROVELLI, 1993, p. 221).

Desse modo, o que nos propomos é o estudo deste tema dentro do Missal de Paulo VI, pois neste por meio de alguns textos podemos observar a busca pela promoção de celebrações

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa da PUC-SP Liturgia e Inteligência Senciente. Professor de Liturgia e Teologia Sacramental no Instituto São Paulo de Estudos Superiores e no Centro Universitário Salesiano – Instituto PIO XI. Email: rja.santos@itespteologia.com.br

que procuram promover uma participação ativa, plena e consciente de toda a comunidade cristã. “Na missa, tal como o papa Paulo VI a restaurou a pedido do Concílio Vaticano II, a mudança mais evidente é que, agora, todos são convidados a participar. E não apenas assistir” (BÉGUERRIE; BEZANÇON, 2016, p. 28). Com o advento do Missal Romano restaurado e renovado de Paulo VI a missa volta a ser uma oração de toda a Igreja, definida pelo Concílio como povo de Deus.

1 AS FONTES DO MISSAL ROMANO DE PAULO VI

O estudo da sacramentalidade da assembleia litúrgica no Missal de Paulo VI, nos impõe a tarefa demonstrar rapidamente algumas das fontes que foram utilizadas para a construção do mesmo. Somos cômicos que nas linhas que seguem não será possível apresentar todas as fontes utilizadas para a construção deste novo livro litúrgico, todavia, mesmo que de um modo incipiente devemos demonstrá-las, com o escopo de atingirmos o propósito deste estudo.

A publicação do Missal de Paulo VI é expressão de todo um movimento de renovação da vida litúrgica da Igreja, que nasce no final do século XIX, se desenvolve na primeira parte do século XX e tem o seu momento de coroamento com a concretização do Concílio Vaticano II e de um modo mais concreto, com a publicação da *Sacrosanctum Concilium* (SC). Nas linhas deste novo livro, composto para o uso daquele que preside a celebração eucarística e nos três volumes, denominados de lecionários onde encontra-se a Palavra de Deus, a ser proclamada na assembleia litúrgica reunida, observamos as influências dos movimentos Litúrgico, Bíblico e Patrístico. Conhecer esta riqueza nos ajuda a celebrar com todo o nosso corpo, alma e espírito a eucaristia, que deve ser para toda a comunidade cristã fonte de espiritualidade (BUYST, 2007, p. 18). Lugar educativo e de revelação da fé.

O mistério que a Igreja celebra, maximamente o mistério eucarístico, não aparece rapidamente evidente em toda a sua riqueza senão a quem, passou pela porta de uma Igreja, aprende a olhar, a caminhar, a interpretar os sinais com os quais o mistério, que a liturgia esconde e lhe fala (CAPRIOLI, 2003, p. 289).

1.1 AS INFLUÊNCIAS DAS SAGRADAS ESCRITURAS

A SC no número 24 procura ressaltar a importância das Sagradas Escrituras nas ações litúrgicas da Igreja. Da Palavra nascem os cantos, os hinos litúrgicos, as orações, as leituras a serem proclamadas nas celebrações, bem como a homilia. Este número, do primeiro documento do Concílio Vaticano II, busca despertar na comunidade eclesial um amor frutuoso pelas Sagradas Escrituras.

O Concílio Vaticano II quis favorecer o acesso do povo aos tesouros da Palavra de Deus. A restauração da leitura bíblica nas celebrações li-

túrgicas reflete o caráter bíblico da renovação litúrgica. As comunidades aceitaram imediatamente e a Bíblia transformou-se na grande referência de vida e na fonte das celebrações litúrgicas (PALUDO; D'ANNIBALE, 2011, p. 143).

O novo Missal Romano, renovado e restaurado segundo as orientações propostas pela SC, testemunha nas linhas que o compõem uma presença abundante da Palavra de Deus. No livro utilizado pelo presidente da celebração eucarística a Palavra pode ser encontrada de uma forma explícita e também implícita, nos formulários propostos para a celebração do ano litúrgico, missas rituais e para rezar pelas inúmeras necessidades do povo de Deus.

Entretanto, recordamos que além do livro do presidente da celebração o Missal Romano se completa, com outros três livros, onde se oportuniza a comunidade cristã um contato com os múltiplos tesouros da Palavra de Deus, proclamada na assembleia litúrgica. A existência destes três volumes que recolhem textos das Sagradas Escrituras, para o uso na liturgia é uma reposta criativa ao que lemos na SC no número 35: “nas celebrações litúrgicas seja mais abundante, variada e bem adaptada à leitura da Sagrada Escritura.”

As Sagradas Escrituras é a base do novo Missal Romano, que através dos seus diversos textos além de contribuir para que a comunidade eclesial preste um culto de louvor ao Pai, por meio do Filho, no Espírito exerce também uma função catequética, isto é, ajuda a despertar nas pessoas que os escutam e rezam, a consciência de que o discipulado cristão tem a sua origem no anúncio e acolhida do querigma. A Palavra proclamada ou rezada na liturgia da comunidade cristã deve despertá-la para a sua vocação missionária, pois comunicar o evangelho é missão de todos batizados. Na liturgia a Palavra proclamada se atualiza, a partir da comunidade que a celebra. Pois quando rezamos, cantamos ou proclamamos a Palavra na assembleia litúrgica é o próprio Senhor, que se dirige a sua comunidade. “Na liturgia cristã, há uma íntima reciprocidade entre a Palavra de Deus e a ação sacramental” (PALUDO; D'ANNIBALE, 2011, p. 162).

1.2 AS INFLUÊNCIAS DA TRADIÇÃO DA IGREJA

No novo Missal Romano é possível contemplar o resgate da Tradição da Igreja. Nele se fazem presentes elementos que nos transportam aos primeiros tempos da comunidade eclesial. Sobretudo, ao período áureo da elaboração dos primeiros textos litúrgicos ou eucológicos. Momento histórico em que a Igreja estava erguendo as suas primeiras bases teológicas, litúrgicas e de ação pastoral.

No novo *ordo missae* contemplamos a recuperação de práticas celebrativas já experimentadas pelas primeiras comunidades, questionadas por imperadores, mas descritas, por exemplo por Justino de Roma, um grande pensador cristão, com o escopo de defender os discípulos de Jesus, frente as forças que procuravam fazê-los cair no descrédito. O novo *ordo missae* testemunha que a comunidade reunida para celebrar e atualizar o Mistério Pascal é um testemunho vivo de uma assembleia celebrante. Isto se tornou possível porque

pela descoberta de documentos litúrgicos muito antigos, aos quais os padres de Trento ainda não tinham acesso, os especialistas mobilizados pelo Vaticano II tiveram melhores condições de bem responder ao desejo inicial de Trento: voltar à autenticidade das celebrações antigas, segundo as antigas normas dos Padres (BÉGUERRIE; BEZANÇON, 2016, p. 20).

Na Iª Apologia de Justino, no versículo 67, podemos entrever as sementes do rito que hoje utilizamos para a celebração da eucaristia. O texto testemunha que o domingo é o dia da reunião dos cristãos. Nesta reunião a comunidade congregada escuta a Palavra, aquele que a preside, após a proclamação dos profetas e do testemunho dos apóstolos, levantando dirige a ela uma exortação. A comunidade dirige ao Pai as suas preces, em favor das necessidades de seus membros, à luz da Palavra meditada. A comunidade por meio daquele que a preside apresenta ao Senhor a sua oferta de pão e de vinho. Sobre os dons ofertados rende-se ação de graças, que logo após são oferecidos aos presentes e levados aos ausentes pelos diáconos. Aqueles que na celebração se sentiam livres, depositavam aos pés daquele que presidia a assembleia alguns bens, a fim de que estes pudessem ser ofertados aos necessitados.

A descrição que acima apresentamos nos ajuda a entender os inúmeros elementos que compõem o rito renovado e restaurado, apresentado pela equipe responsável pela redação do novo *ordo missae* (ato penitencial, liturgia da Palavra com uma abundante riqueza de leituras e a retomada da prece universal). Ainda encontramos influências da Tradição da Igreja na formulação das novas preces eucarísticas, sobretudo as de número II, que é encontrada na sua primeira formulação na *Traditio Apostolorum* de Hipólito de Roma (MAZZA, 1992, p. 111-165) e da prece de número IV, que tem o seu alicerce na antiga Anáfora de São Basílio (MAZZA, 2010, p. 140).

No novo Missal Romano é possível perceber uma harmonização entre textos antigos que são acrescidos de novos textos, que dão a estes uma clareza maior sobre o sentido do seu uso na celebração da liturgia. Estes textos testemunham uma profícua harmonia entre o antigo e o novo que procuram registrar a voz da comunidade eclesial que se volta ao Pai, por meio do culto que presta, através de Cristo, no Espírito.

1.3 AS INFLUÊNCIAS DO MAGISTÉRIO

Ainda é possível recolher no novo Missal Romano, elementos que nos remontam ao magistério da Igreja, sobretudo, dos textos que nasceram à luz das reflexões engendradas pelo Concílio Vaticano II. Como aqui não será possível explorar todas as indicações magisteriais presentes neste novo livro litúrgico, nos reservamos o direito de fazermos uma rápida referência as quatro Constituições Conciliares a saber: *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen Gentium* (LG), *Gaudium et Spes* (GS) e *Dei Verbum* (DV).

Na SC este novo livro litúrgico encontrou os princípios para pensar *ritus et preces* capazes de fazer aparecer com clareza a celebração da liturgia, como um momento de atualização

do Mistério Pascal. Para isto foi preciso elaborar um livro capaz de promover celebrações onde os membros da comunidade eclesial devem participar de uma forma ativa, frutuosa, plena e consciente na liturgia (SC, n. 41).

Da LG, o novo Missal Romano tomou a importante definição da Igreja como povo de Deus. Um povo que está a caminho, e neste caminhar é chamado a viver a experiência de fazer parte do corpo místico do Senhor. Um corpo eclesial tem muitos membros e cada um na diversidade dos dons, dados pelo Espírito é chamado a exercer um ministério na comunidade eclesial. Além disto a nova definição do que venha ser Igreja influenciou na redação de formulários que contempla as diversas situações em que os membros da comunidade cristã encontram-se inseridos, bem como as diversas necessidades pelas quais a comunidade eclesial é sempre chamada a rezar (LG, n. 3).

Na GS, o novo Missal Romano encontrou a unidade necessária entre fé e vida. A celebração litúrgica, em que se dá a atualização do Mistério Pascal, a Igreja traz presente as alegrias e tristezas dos homens e mulheres deste mundo contemporâneo (GS 1). Esta preocupação da Igreja, em se fazer de um modo orante, presente na vida dos seus membros, é testificado por meio dos diversos formulários em que a comunidade eclesial é chamada a rezar, em meio a sua ação pastoral no mundo, pelas diversas necessidades dos cristãos e de todos aqueles que habitam a casa comum.

Ainda aqui se faz mister recordar uma outra fonte magisterial que se faz presente no novo Missal Romano. Aqui fazemos referência a DV. Nesta Constituição Conciliar que aborda o tema da revelação é possível abstrair o valor que se dá a Palavra do Senhor como fonte epifânica de Deus a toda a comunidade cristã (DV, n. 21). Os lecionários, como livros próprios a serem utilizados nas ações litúrgicas e o próprio missal como livro a ser utilizado por aquele que preside a celebração, expressam a riqueza e importância que os padres conciliares deram a Palavra a ser proclamada em meio a assembleia litúrgica (PALUDO; D'ANNIBALE, 2011, p. 155).

Os textos conciliares que nasceram na esteira destas quatro constituições se fazem presentes nas anáforas, orações presentes nos diversos formulários, no *ordo missae* e outras partes do missal. Estes textos testemunham a *lex orandi*, a *lex credendi* e a *lex vivendi* da comunidade eclesial, que é chamada a encontrar nas ações litúrgicas da Igreja a fonte e o ápice de toda a vida cristã.

2 DO RITUS SERVANDUS AO ORDO MISSAE

A elaboração de um novo *ordo missae*, marcou um novo tempo para a vida litúrgica da comunidade cristã. A partir do Concílio Vaticano II, toda a comunidade cristã é chamada a participar de um modo ativo, consciente e frutuoso da liturgia. O rito não se apresenta como um conjunto de elementos a serem observados para a validade da celebração, mas à luz das Escrituras a assembleia litúrgica reunida é chamada, na diversidade dos ministérios a tomar parte neste rito, que agora conduz a comunidade a uma experiência mistagógica de encontro

com o mistério da nossa fé, que é o próprio Cristo, por meio do qual fazemos chegar ao Pai, impulsionados pelo Espírito a nossa prece de louvor. “A liturgia cristã conservou intacta esta concepção de assembleia, afirmando que a Igreja está onde o povo de Deus está reunido” (BOSELLI, 2012, p. 118).

Entre os muitos elementos que encontramos dentro do novo *ordo missae*, três nos ajudam a compreender a riqueza da Teologia Litúrgica que encontramos no novo Missal Romano. Por isso, a tarefa que agora nos impomos é a de entender os seguintes elementos dentro do ritual próprio para a celebração da eucaristia. Os elementos sobre os quais agora fixaremos a nossa atenção são os seguintes: povo sacerdotal, povo congregado e um corpo celebrante.

2.1 UM POVO SACERDOTAL

Como batizados somos incorporados à comunidade cristã. No seio desta comunidade fazemos parte de um povo sacerdotal. O fato de pertencermos a este povo nos faz discípulos de Jesus, que nos incumbe da tarefa de anunciarmos e testemunharmos por meio de um sacerdócio comum o reino de Deus.

A Igreja é uma comunidade sacerdotal no seu conjunto, porque todos os discípulos de Cristo, pela mesma razão que os designa novo povo de Deus, também foram feitos sacerdotes e isto em virtude de uma consagração que vem a todos do batismo comum” (MARSILI, 1987, p. 154-155).

Todo batizado participa da unção de Cristo, por isso, fazemos parte do novo povo de Deus, que exercendo um sacerdócio comum, presta culto por meio de Cristo, ao Pai, no Espírito. Como membros do povo da nova aliança exercemos a profecia como meio de denúncia de todas as formas que procuram minimizar a presença do Reino de Deus, que já está entre nós, mas que ainda caminha para alcançar a sua plenitude.

Assim como o povo de Israel, somos chamados pelo sacerdócio comum a nos colocarmos a serviço da edificação de novos tempos. Desse modo, através das ações litúrgicas, como povo sacerdotal vamos vivendo o que nos espera no reino definitivo (LG, n. 9).

2.2 UM POVO CONGREGADO

Toda assembleia litúrgica é expressão de uma comunidade que se congrega para louvar o seu Senhor. Esta não se forma por si mesma, mas ela é sempre convocada por Deus, que em inúmeras passagens do Antigo Testamento convoca o seu povo, a fim de estabelecer com ele um diálogo. Com a encarnação, morte e ressurreição de Cristo, Deus por meio do seu Filho estabelece um diálogo com os seus filhos.

Cristo é, portanto, o verdadeiro *qahal* (assembleia) que Deus quis e, por isso, o povo da nova aliança, a Igreja, que é seu corpo (Ef 1,22-

23). A *ekklesia* é o corpo de Cristo, mas, ao mesmo tempo, o corpo de Cristo é *ekklesia*, é convocação formada por aquela “multidão imensa que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7,9)” (BOSELI, 2012, p. 126).

O *ordo missae* já na sua primeira rubrica indica que estando a comunidade reunida dá se início a celebração eucarística. Tal orientação já nos mostra que um elemento essencial para que a celebração aconteça é a formação de uma assembleia litúrgica. A assembleia é então a expressão de um povo convocado pelo Senhor, que reunida em torno das duas mesas a da Palavra e da Eucaristia, atualiza o Mistério Pascal, fundamento de toda a nossa fé cristã.

Este povo congregado é formado por uma diversidade de pessoas, que a partir dos dons recebidos do Espírito, exercem ministérios que favorecem a toda a comunidade cristã viver a celebração como um momento de atualização da *historia salutis*. No seio deste povo congregado, nem todo mundo faz tudo, mas cada um exercendo o seu ministério coopera para que encontremos na liturgia, uma fonte abundante de espiritualidade. “A assembleia é o lugar onde o Espírito Santo dá fruto, é a epifania de todos os dons que o Espírito faz a Igreja” (BOSELI, 2012, p. 132).

2.3 UM CORPO CELEBRANTE

Um outro elemento que encontramos no novo *ordo missae* é a consciência de que formamos um corpo celebrante. Já afirmamos anteriormente, que em uma ação litúrgica cada membro exerce um papel fundamental, a fim de manter a harmonia da celebração e ao mesmo tempo auxiliar para que todos a vivam como momento de atualização histórica da salvação.

A assembleia reunida é expressão de um corpo eclesial, que testemunha a unidade do povo de Deus. Este corpo tem como cabeça o Cristo, que por meio do Espírito faz a sua comunidade caminhar em comunhão testemunhal. “A comunidade dos discípulos de Cristo é seu corpo, quando ela é para o mundo sinal de comunhão” (BOSELI, 2012, p. 133).

Este corpo que é movido pelo Espírito do Senhor, presta o seu culto ao Pai, por meio de Jesus através de *ritus et preces*. A unidade deste corpo testemunha o convite do próprio Cristo, que exorta os seus discípulos a serem um, como ele e o Pai são um (Jo 17, 21).

Por isso, a unidade do corpo celebrante, já testemunha a unidade do corpo eclesial que encontra na oração da Igreja, um elemento fulcral para se promover a unidade de toda a comunidade cristã. Quando neste corpo alguém sofre é toda a Igreja que sofre. Todavia, quando este corpo se alimenta da harmonia que exaure da Palavra de Deus, a liturgia se transforma em momento contundente da presença transformadora de Cristo na vida e caminhada da assembleia celebrante, que testemunha a unidade necessária para se atingir a plenitude do Reino de Deus, sob o impulso do Espírito Santo.

3 A ASSEMBLEIA COMO *LOCUS* DA EPIFANIA DO SENHOR RESSUSCITADO

A primeira assembleia convocada pelo Senhor, reuniu-se aos pés do Sinai. Ali através das mãos de Moisés, o povo eleito recebeu os mandamentos dados pelo próprio Senhor, como um caminho para se assegurar a liberdade desta nova nação. Como sabemos este povo foi eleito para comunicar ao mundo o sonho do Senhor, para a sua criação. Por isso, deixar-se guiar por estes mandamentos era viver na liberdade promovida por Deus, em favor dos seus filhos e assegura-la, em favor das futuras gerações.

Do Sinai e outras assembleias testemunhadas pelo Antigo Testamento (COLA, 2020, p. 22-34) chegamos ao Novo Testamento onde temos a oportunidade de contemplar a assembleia presidida pelo próprio Jesus (COLA, 2020, p. 35-51). Nesta reunião com seus discípulos, Jesus em primeiro lugar demonstra que o seu discipulado exige serviço ao Reino, todavia, no mesmo encontro ele se faz alimento e exorta os discípulos a fazerem o mesmo, em sua memória (GIRAUDO, 2014, p. 145-183).

Por mandato de Cristo a comunidade é chamada a constituir-se em assembleia litúrgica semanalmente e neste encontro celebrar e atualizar o Mistério Pascal, para onde deve convergir toda a vida missionária da Igreja. Após a ressurreição de Cristo, a assembleia comunitária litúrgica se torna *locus* da epifania do Senhor, que venceu a morta. Por isso, como vai nos ensinar o Concílio Vaticano II, a assembleia convocada por Deus, reúne-se ao redor de duas mesas, a da Palavra e a da Eucaristia, que se encontram intimamente relacionadas. Em tempos hodiernos, ao falarmos destas duas mesas, a partir do novo *ordo missae*, amplia-se a consciência de que, “quando se celebra a eucaristia somos uma só coisa: alguém preside, alguém lê, alguém toca, alguém acolhe, alguém leva os dons, mas todos realizam uma só ação da Igreja participando àquela, se tem a inteligência do mistério” (GRILLO, 2017, p. 157).

3.1 A SACRAMENTALIDADE DA PALAVRA PROCLAMADA NA ASSEMBLEIA

Com a publicação da SC, a Palavra de Deus passou a ocupar um lugar de destaque nas ações litúrgicas da Igreja, sobretudo, nas celebrações eucarísticas. Um dos grandes apelos dos padres conciliares, que estabeleceram os caminhos para a restauração e renovação da liturgia, encontramos a indicação, para a utilização em abundância da Palavra de Deus, nas ações litúrgicas da comunidade eclesial. A resposta a tal apelo podemos contemplar na elaboração dos lecionários, que indicam as leituras a serem proclamadas, segundo os formulários propostos, no livro próprio utilizado por aqueles que presidem a celebração eucarística.

Sabemos pela história da liturgia, que por muito tempo nas celebrações eucarísticas buscou-se proclamar apenas algumas leituras. A partir, no novo Missal Romano, publicado em 1970 encontramos um conjunto mais abundante de leituras a serem proclamadas nas celebrações eucarísticas. A proposta dos lecionários apontam que agora no raio de um ano lê-se quase todos os textos das Sagradas Escrituras. Na Palavra, a comunidade que se reúne para prestar um culto ao Senhor, é chamada a celebrar o mistério da fé e atualizar o Mistério Pascal

à luz da Palavra proclamada. “Na liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração” (SC, n. 33).

O anúncio da Palavra na celebração eucarística é sinal da comunicação do Senhor, que por meio do seu Filho, revela-se ao povo que ele mesmo congregou. O povo congregado acolhe o anúncio da Boa Nova e por meio dela os membros desta assembleia litúrgica são formados. Modelada pela Palavra proclamada, a comunidade se deixa guiar por aquele que é a mensagem viva do Pai, o Cristo.

A comunidade que está congregada para celebrar a liturgia, no momento da proclamação da Palavra é chamada a viver da Palavra proclamada. Nas Sagradas Escrituras encontramos o registro de como Deus se revela ao seu povo, na liturgia celebramos e atualizamos esta revelação, que no Emanuel pré-anunciando no Antigo Testamento pelos profetas, assume um corpo, sendo denominado como o Verbo Encarnado, Jesus Cristo, que deixa de ser logos no coração do Pai e vem habitar entre nós.

3.2 A PARTILHA DO PÃO E DO VINHO TESTEMUNHAM A UNIDADE DA IGREJA

A comunidade congregada, para celebrar e atualizar o Mistério Pascal é chamada a ofertar ao Senhor o fruto do seu trabalho. O pão e o vinho apresentados transformam-se em alimento de salvação. A assembleia reunida é exortada a alimentar-se do seu Senhor. O gesto de participação dos membros da comunidade eclesial na mesa da eucaristia, testemunha a unidade que a Igreja deve promover entre os seus membros. O povo reunido forma um único corpo cuja a cabeça é o Cristo. Para esta assembleia “ a Igreja é lugar de escandalosa comunhão entre não parentes que, em Cristo, podem ousar se dizer filhos do mesmo Pai e, por isso, irmãos” (GRILLO, 2017, p. 149).

A assembleia celebrante que participa da mesa eucarística, presidida pelo ministro ordenado é chamada a viver a partir de um *ethos*, que emerge do encontro das duas mesas a da Palavra e a da Eucaristia. A partilha do pão e do vinho que se dá na celebração da liturgia é um grande grito profético. Nela não se permite a exclusão, mas somos chamados a prática da comunhão. Tal espírito encontra-se presente nos muitos formulários e no próprio *ordo missae* do Missal Romano de Paulo VI, que exorta a todos a uma participação ativa, plena e consciente na ação litúrgica. Dom Hélder Câmara tratando sobre a relação entre eucaristia e justiça social assim se expressa: “Quando a comunidade cristã participa da Eucaristia, ela vê, no momento da apresentação dos dons, entre as mãos do celebrante, o pão “fruto da terra e do trabalho humano”, e vive uma lição de justiça social que deveria marcar a vida” (BOSELLI, 2012, p. 206).

Como membros de uma comunidade eclesial não somos chamados, no contexto da ação litúrgica a nos colocarmos como adoradores do Senhor, mas a participarmos do banquete que é expressão da *lex orandi e lex credendi* da Igreja povo de Deus, que encontra na eucaristia o fundamento da sua *lex vivendi*. A mesa da eucaristia já é a prefiguração do novo céu e da nova terra, que nos aponta o livro do Apocalipse (Ap. 21,1). O pão e o vinho que

brotam do altar e que recebemos, quando estamos congregados como assembleia celebrante deve gestar em nós um novo modo de viver. “Do pão da vida se deve obter as forças para aceitar a mudança de mentalidade, para o pôr de ponta cabeça a vida e a conversão” (BOSELLI, 2012, p. 207).

CONCLUSÃO

O estudo do Missal Romano de Paulo VI, fruto da reforma e restauração da vida litúrgica da Igreja desejada pelo Concílio Vaticano II, nos ajuda a entender o grande objetivo da SC que é o de promover a participação ativa, consciente, plena e frutuosa de toda comunidade eclesial, nas ações litúrgicas da Igreja, sobretudo, na eucaristia. Este novo livro litúrgico coloca em relevo a importância da assembleia litúrgica, como *locus theologicus* da manifestação do Senhor Ressuscitado, através do qual a comunidade, por meio de *ritus et preces* atinge o Pai, sob o impulso do Espírito Santo.

Ao término deste nosso estudo fica-nos claro a importância da assembleia litúrgica como espaço didático de formação de autênticos discípulos de Jesus. Estes encontram na liturgia uma fonte perene de espiritualidade, que os conduz a uma experiência de assemelhar-se cada vez mais a Cristo, na maneira de viver e de se dirigir ao Pai. Esta assembleia litúrgica que é expressão de uma comunidade discipular, é exortada pelo próprio Senhor a ser expressão do seu Corpo Místico, e na unidade, que acontece a partir da diversidade, testemunhar o Reino.

Em tempos hodiernos impõe-se a Ciência Litúrgica a missão de tornar o Missal Romano de Paulo VI, conhecido por toda a comunidade cristã. Isto se faz mister, para que a comunidade eclesial entenda a sua tarefa de comunicadora e de sinal da presença interpeladora de Cristo, em meio a um mundo, marcado por constantes transformações.

REFERENCIAS

BÉGUERIE, Philippe; BEZANÇON, Jean-Noël. *A missa de Paulo VI. Retorno ao coração da Tradição*. São Paulo: Paulus, 2016.

BOSELLI, Goffredo. *Il senso spirituale della liturgia*. Magnano: QIQAJON, 2012.

BROVELLI, Franco. La prassi liturgica nelle diverse epoche culturali. In: VV.AA. *Celebrare il mistero di Cristo I. La celebrazione: introduzione alla liturgia cristiana*. Roma: CLV – Edizioni Liturgiche, 1993. p. 172-228.

BUYST, Ione. *Liturgia de coração. Espiritualidade da celebração*. São Paulo: Paulus, 2007.

CAPRIOLI, Adriano. Liturgia: Luogo educativo e rivelativo della fede. *Rivista Liturgica*, Padova, v. 90, n. 2-3, p. 289-302, marzo-giugno, 2003.

COLA, Gustavo Cola. *O sacramento-assembleia*. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Rio de Janeiro – Petrópolis: PUCRIO- Vozes Acadêmica, 2020.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2007.

- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2014.
- GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias e Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.
- MARSILI, Salvatore. A liturgia, culto da Igreja. In: VV.AA. *Anámnese 1*. A Liturgia momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 130-165.
- MAZZA, Enrico. *Lanafora eucaristica*. Studi sulle origini. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 1992.
- _____. *La celebrazione eucaristica*. Genesi e sviluppo dell'interpretazione. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2003.
- MISSAL ROMANO Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Vaticano Segundo e Promulgado pela Autoridade do Papa Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1992.
- PALUDO, Faustino; D'ANNIBALE, Miguel Angel. A Palavra de Deus na celebração. In: VV.AA. *Manual de Liturgia II*. A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2011. p. 143-191.